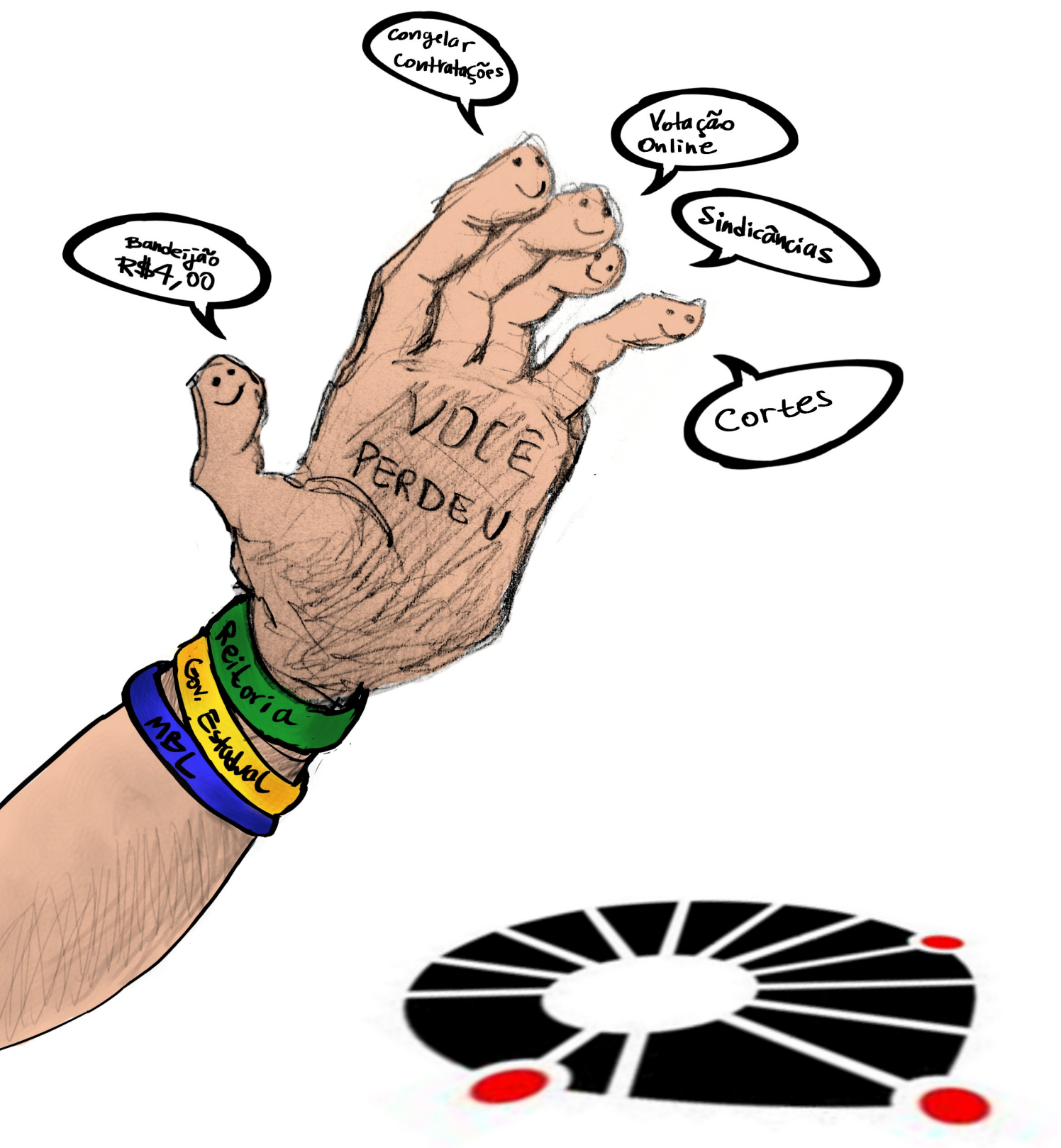


PONT^{CABS} de Vista

Edição nº5 de Novembro de 2017



Escolhas

Carrossel ou Montanha Russa?
Não sei, escolhe você.
Como posso me decidir
Se nunca andei de montanha russa?
Tudo bem, hoje eu escolho,
Não é tão simples assim.

Mas e se andar na montanha russa não for tão bom quanto o carrossel?
Por que o carrossel tem que ser tão bom...?
Se não fosse, eu ia na montanha russa.
Claro que é bom!
Como eu sei se nunca andei na montanha russa? Eu sei ué.
Nem parece assim tão legal a montanha russa...
(Será que não?)

Se estou com medo? Do que?
Só não quero trocar o carrossel por algo que nem mesmo conheço.
Mas e se não é bom?
Se você quer tanto vamos então.
Por que sou eu que tenho que escolher?
Por que é que eu é que tô com medo?
Mas tem certeza?

É só um brinquedo?
Mas pra mim não é.
Por que não?
E se cai? E se perco de ir no carrossel?
E se o carrossel não abre nunca mais?
E olha essa fila como tá grande,
Vamos no carrossel que a gente ganha mais.

A montanha russa?
Eu lá ligo se ela não abrir mais, nem sei se ela é boa mesmo.
(Mas e se for?)
Já disse, não tenho medo.
É só... Eu não sei.

Então me conta mais dela.
Como assim não dá pra descrever?
Tem que dar, não vou se você não fala.

Olha lá, perdemos de ir no carrossel, passaram na nossa frente.
(Tem tanta gente na fila da montanha russa...)

Mas é assim legal mesmo, essa tal montanha russa?

Não estou com medo, já disse.

(Mas será mesmo?)

E se estou com medo também, o que tem a ver com você, isso?

Escolher logo? Já vai, já vai.

Então fica assim.

Vamos no carrossel hoje,

e se amanhã a gente tiver vontade vai na montanha russa.

(Mas e se fecha?)

Feito!

(E se não abre nunca mais?...)

Rafael



Peço desculpas
Por ter colocado a graduação em primeiro lugar
Eu podia ter me dado um tempo
Eu podia ter te encontrado
A gente podia ter tido um dia ótimo
Mas eu também tinha que fazer aquele trabalho
Por que eu não consigo deixar ela um pouco de lado?
Desculpa
Por não ter podido te dar atenção
Por não ter aproveitado
O tempo que eu poderia ter junto a você
Mas agora já é tarde
Porque nem eu
E nem você
Estamos aqui

Henrique



Docência

Olha a noite escura
E a hora que flui
Inclemente.

O sol timidamente flutua
Uma aula é sagrada
Quede a dor pois silente.

Romis Attux



Há algum tempo a Unicamp vem enfrentando problemas em relação ao orçamento da universidade, que costuma sempre estar abaixo do necessário para mantê-la a todo vapor. Nesse ano temos um agravamento desta situação devido ao cenário de crise nacional, que, com consecutivas demissões e reduções salariais, causam queda no consumo de mercadorias, acarretando redução no repasse para a Unicamp, que vem fundamentalmente do ICMS¹. No entanto, para resolver tal problema, necessitamos de uma compreensão histórica do financiamento da Unicamp, e utilizá-la como guia para realizar um combate constante e bem fundamentado visando sanar de fato tal problema.

A década de 1980 é um marco crucial na história da Unicamp. Nessa década, o Brasil enfrenta uma das maiores crises de sua história e, em 1989, ocorre a principal mudança nas estaduais: estas ganham sua autonomia financeira, e o repasse passa a ser efetuado com base no ICMS - na época eram destinados 8,4%. No entanto, o reitor Paulo Renato

¹ Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

Souza estimou que a Unicamp recebia o equivalente a 11,6% do ICMS antes dessa alteração. Nesse mesmo jornal, um texto publicado em 1984 explica melhor a situação em que o Brasil estava:

Nosso país passa por uma crise sem precedentes em sua história. Toda nossa economia ficou subordinada aos interesses do imperialismo norte americano a pretexto de saldar uma dívida já muitas vezes paga. Para cumprir os compromissos assumidos com o capital financeiro internacional, o governo federal, a mando do FMI, desencadeou um processo de recessão econômica caracterizado pelo desemprego, corte de salários, inflação crescente e uma desobrigação com serviços essenciais para a população.

A situação do nosso país, como você deve ter percebido, ainda anda bem semelhante, e os dias de Brasilino² continuam os mesmos. Mas, no que tange o financiamento da Unicamp, temos, após este período, em 1992, a conquista do aumento para 9% de

² Brasilino, personagem principal do texto *Um dia na vida do Brasilino*, que relata como o imperialismo norte americano está presente no Brasil.

repasso do ICMS e, em 1995, um novo aumento para 9,57%, que é o patamar atual. Em 2002 a Unicamp, junto com as estaduais paulistas, inicia um processo de expansão, no contexto do qual, em 2009, foi inaugurada a FCA com oito novos cursos de graduação. Devido à criação dessa nova faculdade foi prometido um aumento de 0,05% no repasse do ICMS, aumento este que nunca ocorreu. A tabela a seguir sumariza em porcentagem essa expansão.

Variação percentual entre 1995 e 2016	
Docentes	8,8%
Funcionários técnico-administrativos	-10%
Cursos de graduação	102%
Alunos de graduação	93%
Cursos de pós-graduação	57%
Alunos de pós-graduação	101%

Pode ser observado pela tabela que os cursos e os alunos aumentaram brutalmente nesse período, ao passo que o número de professores e funcionários não correspondeu a este aumento. Como se não bastasse, em 2007, com a criação da SPPREV, passa a ser retirado da parcela do ICMS o pagamento dos aposentados e pensionistas docentes e técnico-administrativos das estaduais paulistas, sendo que isso só foi possível devido à interpretação do governador

Alckmin da lei complementar nº1.010/2007³.

Para piorar ainda mais nossa situação, o repasse que vem para a Unicamp não é calculado com base na arrecadação bruta do ICMS. Uma parte é destinada ao pagamento de juros e amortização da dívida pública do Estado, e outra é destinada a outros fins como habitação. Só depois de tais abates é que são repassados os míseros 9,57%.

Não é de se espantar que a universidade caminha em maus lençóis, com isso percebe-se o caráter permanente desta crise, decorrente de financiamento. Medidas de congelamento das contratações dos professores, cortes salariais e o aumento do bandejão⁴, só revelam o desinteresse dessa reitoria em melhorar concretamente a qualidade da Unicamp e daqueles que desenvolvem suas tarefas nela. O posicionamento do reitor Knobel é claro e revela este desinteresse. Além do mais, o reitor só é eleito por indicação do governador, e como sabemos,

³ Lei complementar nº1.010/2007 : *Artigo 27 - O Estado de São Paulo é responsável pela cobertura de eventuais insuficiências financeiras do RPPS e do RPPM decorrentes do pagamento de benefícios previdenciários, observada a insuficiência apurada em cada um dos Poderes e órgãos autônomos. Parágrafo único - Entende-se por insuficiência financeira o valor resultante da diferença entre o valor total da folha de pagamento dos benefícios previdenciários e o valor total das contribuições previdenciárias dos servidores, dos Poderes, entidades autônomas e órgãos autônomos do Estado.*

⁴ As duas primeiras medidas foram aprovadas no penúltimo CONSU, enquanto o aumento do bandejão foi reprovado. No entanto, o reitor Knobel, em entrevista ao G1, afirmou que essa pauta voltará no próximo CONSU (28/11).

Alckmin trata com total desprezo a educação e aqueles que educam, tendo reprimido diversas vezes com cavalaria as manifestações de professores e secundaristas. Para aqueles que acreditam com seriedade em construir uma Unicamp pública, gratuita e de qualidade, qualquer ilusão com estes elementos deve ser suprimida. O caminho dessa universidade que sonhamos será trilhado por nós e pelas nossas mãos.

Para concretizar tais sonhos, nossos caminhos são um só. Reivindicar o


aumento no repasse do ICMS, pôr fim a tais irregularidades, lutar por proporcionalidade nos votos e eleições diretas para reitoria, lembrando sempre: nossa luta é muito maior, e não deve se ver entravada em tais elementos. Para concretizá-la, é necessário organização e comprometimento, tendo uma linha justa e bem fundamentada; linha esta, que possibilitou tamanhas conquistas há 100 anos, e que nos ajuda constantemente. Só assim colocaremos um basta na crise de financiamento e impediremos as ameaças de agora.



Ser LGBT não é fácil. Você pode ser a pessoa mais empática do mundo, mas ainda assim não sentirá na pele tudo que eu senti, sinto e ainda sentirei sendo LGBT. Muitas famílias acreditam que é algo passageiro, que vai mudar. Muitos de nós sentem medo de se expressar em determinados lugares por conta de possíveis reações negativas. Muitos de nós precisam até renegar a própria sexualidade para conseguirem seus sonhos e metas de vida (mas será que vale a pena?). Muitos de nós necessitam passar pelo processo de afirmação TODO DIA, porque as pessoas sempre vão considerar que você é heterossexual. Por isso, se você luta com a gente, apoie os LGBTs não só dentro da universidade, mas principalmente fora dela. A luta é ainda mais intensa fora daqui, em que o cenário é muito mais opressor e excludente.

Se você nos apoia, não seja omissa, lute pela nossa causa. Muitos de nós necessitam de um esforço psicológico altíssimo diariamente para aguentar essa luta, simplesmente por apresentar uma sexualidade que não é a mais expressiva numericamente. Sem o apoio de pessoas como você, esse fardo fica ainda mais pesado.

Henrique

Gatilho: humilhação 

de uma hora pra outra, percebi que tenho sido humilhado. de repente, não consigo pensar em qualquer outra lembrança a não ser naquelas em que fui motivo de chacota, que fui motivo de riso, em que fui de alguma forma diminuído. pior, não fui por aquelas pessoas que não conheço ou por quem não me importo. não. são somente amigos, amigas, parentes... sim, tenho sido motivo de chacota e não me lembro desde quando. e se me esforço em pensar em algum outro momento de comunhão entre os meus próximos, só me vem na memória quase que complôs para a minha humilhação, quando não vem de um, vem de dois, vem às duplas, quase que teatral; a comunhão serve de palco para a plateia ver o espetáculo da humilhação. me percebi enfermo, doente, cansado, exausto, fraco, incapaz, broxa. invariavelmente culpado. apontam seus dedos firmes aos meus olhos e riem em coro logo em seguida. sou um palhaço. palhaço! E se riem os demais. gargalham entre eles. me olham de cima da sua autoridade, do seu juízo, da sua perfeição. e se deliciam ao me ver encolher, tremem de prazer ao me ver sorrir envergonhado, salivam de gozo, se coçam por dentro e se arrepiam por fora ao me ver fazer uma piada para disfarçar minha agonia, o meu embaraço, a minha covardia. e se olham ao chão, para os cacos que sobram depois da zombaria, é para lembrarem de um espetáculo passado, de minha covardia passada, e uivam afoitos os lobos e as lobas.

Salão de Espera

Eu espero
Tu esperas
Eles vão seguindo
Nós seguimos esperando

Seguimos esperando o que queremos
E não o que esperava-se esperarmos
Espero um dia festejar nossa desesperada espera

Entretanto esperemos dançando à tristeza
Esperemos valsando à nossa dor
Suplico-te que me acompanhe nesta dança
Pois ao final de tanta espera
Espero ainda haveremos esperança

Rafael Kotchetkoff Carneiro

Instante Agora

No instante agora não sou nada
Não sou ninguém

Vivo das felicidades passadas
Sem crer nas vindouras
Neste limbo continuo sendo nada
Desejando ser alguém

Sou talvez pior que nada
Sou tristeza
Sou impaciência
Sou profundíssimamente hipocondríaco
Sou oposto do que sou
Sou o oposto do que era
Sou o que não sou
Sono-me fera

Sou o que virei
O que virei?

Rafael Kotchetkoff Carneiro



Daqui de cima eu vejo tudo.
Quem chega.
Quem sai.
Quem não se importa em fazer tudo
Como se não estivesse sendo visto por ninguém.
E quem se importa também.

Além,

Reparo nas pessoas como se elas não
reparassem a mim.
Observo cada detalhe,
Do menor mais singelo sorriso
A maior menos perceptível apreensão

Solidão:

Daqui de cima eu vejo
A vergonha escondida pelo insucesso
E a misteriosa maldade das pessoas boas

Tolas.

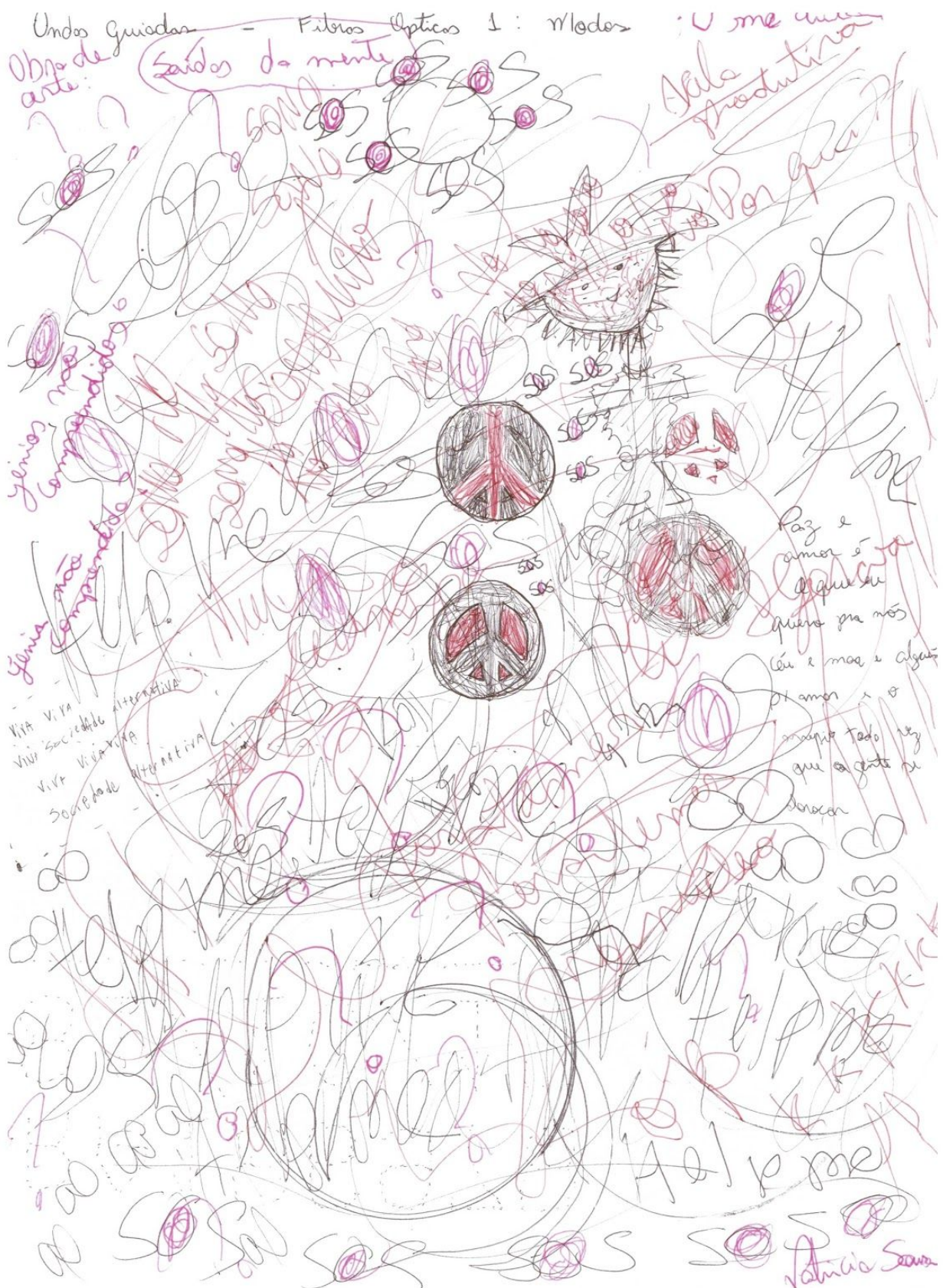
A verdade como se ela existisse,
Daqui de cima eu vejo tudo.

Luciano Pinheiro



TRISTE POEMA OTIMISTA

**NÓS SOMOS
A GERAÇÃO
QUE VIU
O TÂMISA SUJO.**



Aula produtiva

O que já aprendi na minha graduação? O que eu estou aprendendo? O que eu tô fazendo aqui? O que estou fazendo nessa aula? Por que tenho essa aula? O que eu aprendi hoje? De onde veio essa fórmula? Do que o professor está falando? Alguém me tira daqui!

Professor acaba essa aula logo, por favor! Tenha piedade..... Ahhhhhhhhh

Você está naquela aula produtiva fazendo esse tipo de questionamento, talvez consciente, talvez no seu subconsciente. Acontece que seu corpo está presente naquela sala, a voz do professor faz seus tímpanos vibrarem, mas a aula está chata, está agonizante, você não está entendendo nada, o conteúdo já virou uma bola de neve descendo a montanha dos seus pensamentos como uma avalanche devastadora, você só está ali porque não pode mais ter uma falta, ou porque sua consciência iria doer por perder a aula, ou porque você nunca falta mesmo. Você só quer que aquela aula acabe, o professor reclama de você mexer no celular, mas a ansiedade para sair daquele lugar é desesperadora....

Durante a aula, você ouve o professor, e gasta a tinta das suas canetas em um papel, deixando sua ansiedade pelo fim da aula em uma folha.... Ao final da aula, naquela folha fica registrado um sentimento universal de um estudante desesperado pelo fim de uma aula.

Aula?

Algoritmo para realizar uma obra de arte em uma aula muito produtiva:

```
>> Tudo começa com um título, afinal o objetivo inicial é registrar o conteúdo da aula:
"Ondas Guiadas - Fibras Ópticas 1 : Modos".
>> Quando você começar a viajar na aula, você faz pontinhos na folha, e escreve o que vier
na sua cabeça: " viva, viva, viva sociedade alternativa"
>> Escreva SOS várias vezes
>> Agora pegue um objeto de distração como o seu colar, e tente reproduzir o símbolo
hippie do pingente dele....
>> Escreva SOS várias vezes
>>O símbolo hippie lembra a letra de uma música, então escreve no canto "paz e amor é o
que eu quero pra nós...."
>> Escreva SOS várias vezes
>> Agora tente fazer um compasso com o cordão do colar
>> Quando você perceber que você não sabe usar um compasso de colar, faça um semi-círculo
torto e comece a escrever ao redor "viva, viva...."
>> Ops, tá parecendo um sol ... Coloca olhinho e boquinha no sol
>> Agora tá parecendo um morango... coloca a folha do morango...
>> Ficou parecendo um espantalho.... Coloca um corpo no espantalho....
>> Escreva SOS várias vezes, pode escrever "help me" também se quiser
>> Pega a caneta vermelha.... Escreve SONO, SONO, SONO... Fora temer, fora temer, fora
temer...
>> O professor disse Beta, escreve Beta, ele disse K, escreve KKKKKKK
>> O professor acabou a aula, pega a caneta rosa e tenta justificar sua obra de arte, dá
um título pra ela "Saídas da mente".... Ou quem sabe "Uma aula: aula produtiva"...
>> Escreva na folha "Gênios não compreendidos", "Genia não compreendida"....
>> Não esquece de assinar a obra, afinal quem é o gênio?? Aula acabou.....
```

Patricia Sousa

A universidade operacional

Este texto se baseia na conferência de Marilena Chauí *Contra a universidade operacional e a servidão voluntária*, apresentada na abertura do Congresso de 70 anos da UFBA⁵ (Salvador, 2016). Trata-se basicamente de um resumo das ideias apresentadas naquela ocasião. Seu objetivo não é necessariamente refletir a realidade da nossa faculdade (embora, por vezes, isso seja identificado), mas sim servir de alerta e motivar uma reflexão sobre o projeto de universidade que temos e queremos.

A fala é iniciada com a distinção entre a universidade como *instituição social* e como *organização social*. Aquele é o papel que a universidade assumiu desde a sua criação, legitimado na autonomia do saber e na ideia de um conhecimento guiado pela sua própria lógica. Este, o papel que a universidade tem assumido hoje e que se distingue por pensar a universidade a partir de uma prática de administração inerente ao modo capitalista, que utiliza meios particulares para obtenção de um objetivo particular. A organização é guiada por ideias de gestão, planejamento, êxito, controle, sem se preocupar em questionar e discutir a sua própria existência.

No Brasil, a passagem da universidade de instituição a organização ocorreu com a implantação do neoliberalismo, e a autora distingue três fases nesse processo: 1. durante a ditadura militar

(1964-1980), a universidade tornou-se *funcional*, alterando currículos e programas com o objetivo de formação rápida de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho; 2. durante a Nova República (1985-1994), tornou-se universidade *de resultados*, com foco na pesquisa, avaliada segundo um modelo de mercado, baseado em ideias de eficiência e produtividade, em detrimento da qualidade da docência; 3. na terceira fase (1994-2002), consolidou-se a universidade *operacional*, vista como organização social.

A universidade operacional, como colocada por Chauí, opera sob a lógica empresarial: é regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. É definida e estruturada por normas e padrões administrativos inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual. O resultado desse processo é claro, garante a autora: o aumento insano de horas-aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios etc.

Nesse contexto, a docência não cumpre seu papel como protagonista na formação dos alunos, mas é sucateada na forma da transmissão veloz de conhecimentos, sem se importar com sua motivação ou objetivo, de modo a habilitar rapidamente profissionais para o mercado de trabalho. Os professores,

⁵ A transcrição completa pode ser encontrada em <http://www.congresso.ufba.br/?p=1658> (acesso em 16 nov. 2017) e o vídeo, em <https://www.youtube.com/watch?v=KOl09aeIBtI> (acesso em 16 nov. 2017).

mediadores desse processo, não são avaliados quanto ao seu conhecimento e habilidade de ensinar, mas apenas enquanto pesquisadores. E, para isso, é usada a métrica da *produtividade*, importada diretamente da lógica industrial e empresarial, medindo, grosso modo, o comprimento do currículo Lattes.

Para combater as práticas da universidade operacional, a autora aponta um caminho, indicando características fundamentais para uma docência de formação crítica, capaz de formar novos docentes, incentivar pesquisadores e formar profissionais para o mundo não-acadêmico. Assim, para ela, a docência deve

1. iniciar o estudante aos clássicos, aos problemas e às inovações da área;
2. variar e atualizar cursos e bibliografia, aproveitando os trabalhos de pesquisa do professor;
3. iniciar ao estilo e às técnicas de trabalho da área;
4. informar e formar novos professores e profissionais não-acadêmicos da área;
5. incentivar talentos, sugerindo trabalhos que ajudem o estudante a escolher a carreira que quer seguir.

Ainda nesse sentido, propõe critérios para avaliação das pesquisas realizadas, que sejam mais adequados ao ambiente acadêmico:

1. inovação – pelo tema, metodologia, descoberta de novas dificuldades etc.;

2. durabilidade – a pesquisa não deve estar sujeita a modismos;
3. obra – criação de passos para trabalhos seguintes;
4. dar a pensar – suscita novas questões do mesmo campo ou afins;
5. significado social, político ou econômico – a pesquisa tem sentido e utilidade para sujeitos fora da universidade;
6. autonomia – a pesquisa surge de exigências próprias e internas ao pesquisador, e não de *determinação* externa (ainda que sujeitos externos possam *despertar* a motivação da pesquisa);
7. articulação da lógica acadêmica com a lógica histórica – a pesquisa é capaz de enfrentar problemas postos pela dificuldade de seu próprio tempo;
8. articulação entre universal e particular – a pesquisa trata de algo particular de forma tal que seu alcance e seu sentido sejam universalizáveis.

Na luta contra a universidade operacional, Chaúí aponta a necessidade da articulação entre duas dimensões da universidade: a acadêmica e a sócio-política, para que a universidade não se isole e se afaste da sociedade e nem passe a servir exclusivamente aos interesses de uma de suas parcelas. Essa articulação deve se realizar de forma interna, organizada a partir da própria universidade, e se dar de duas formas: pela extensão, isto é, serviços prestados pela universidade à sociedade, e pela cessão de quadros universitários para administração pública.

Por outro lado, ocorre incompatibilidade entre as duas dimensões quando tal articulação é feita de forma a privilegiar um grupo social específico. Além disso, também pode ocorrer quando levamos em consideração duas formas de tensão:

1. a diferença entre o tempo acadêmico e o tempo político: a realização da ação política ocorre em um ritmo diferente da ação científica, de forma que a política universitária deve estar subordinada ao tempo acadêmico;
2. a alternância democrática dos governantes: essa alternância é fundamental para a democracia, mas os projetos e programas de formação científica devem ser contínuos para a realização plena

da ação acadêmica na universidade.

O fenômeno da universidade operacional ocorre em universidades do mundo todo. Algumas das práticas que a caracterizam podem ser identificadas, em maior ou menor grau, no ambiente em que estamos; outras, felizmente, não. No entanto, enquanto comunidade acadêmica, cabe-nos ficar atentos para impedi-las e lutar ativamente contra essa universidade que importa a lógica do mercado e que se interessa apenas pela formação em ritmo fordista de um exército de mão de obra para o mercado de trabalho. A universidade deve ocupar seu papel de *instituição* social, voltada para a busca de conhecimento, motivada por necessidades internas e reais (e não por determinação externa) e formadora não apenas de pesquisadores e profissionais, mas de cidadãos.

Quer ver seu texto, foto ou desenho divulgado aqui
no PV?

Basta escrever para:
pvjornal.cabs@gmail.com



